ORAÇÃO FUNEBRE

QUE NAS

REAES EXEQUIAS, CELEBRADAS PONTIFICALMENTE

NA

SANCTA SÉ ARCHIEPISCOPAL METROPOLITANA D'EVORA,

PELO

ETERNO DESCANSO DE SUA MAGESTADE O SENHOR DOM PEDRO QUINTO

DE SAUDOSA MEMORIA,

FEZ E RECITOU

MANUEL JOAQUIM BARRADAS, BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, THESOUREIRO MÓR DA MESMA SANCTA SÉ ARCHIEPISCOPAL METROPOLITANA D'EVORA, DESEMBARGADOR DA MUITO REVERENDA RELAÇÃO ECCLESIASTICA DO ARCEBISPADO E PROFESSOR DE INSTITUIÇÕES CANONICAS NO RESPECTIVO SEMINARIO DIOCESANO, ETC. ETC. ETC. ETC. ETC.

EVORA
TYPOGRAPHIA DO GOVERNO CIVIL

1861.

J17

ORAÇÃO FUNEBRE

QUE NAS

REAES EXEQUIAS, CELEBRADAS PONTIFICALMENTE

NA

SANCTA SÉ ARCHIEPISCOPAL METROPOLITANA D'EVORA,

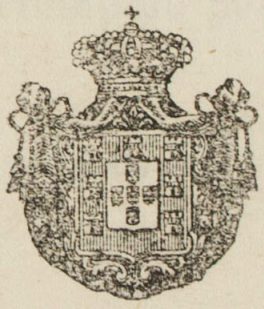
PELO

ETERNO DESCANSO DE SUA MAGESTADE O SENHOR DOM PEDRO QUINTO

DE SAUDOSA MEMORIA,

FEZ E RECITOU

MANUEL JOAQUIM BARRADAS, BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, THESOUREIRO MÓR DA MESMA SANCTA SÉ ARCHIEPISCOPAL METROPOLITANA D'EVORA, DESEMBARGADOR DA MUITO REVERENDA RELAÇÃO ECCLESIASTICA DO ARCEBISPADO E PROFESSOR DE INSTITUIÇÕES CANONICAS NO RESPECTIVO SEMINARIO DIOCESANO, ETC. ETC. ETC.



EVORA
TYPOGRAPHIA DO GOVERNO CIVIL

1861.

1
J17

2
J

ADVERTENCIA

Para satisfaser ás repetidas instancias e incessantes pedidos de muitas pessoas conspicuas e intelligentes desta cidade d'Evora, passa a imprimir-se a oração funebre, que ha pouco recitei nas Exequias Reaes celebradas pontificalmente na Sancta Sé Archiepiscopal Metropolitana d'Evora.

Espero que o publico seja indulgente para comigo, relevando os defeitos inseparaveis de uma obra, cujo assumpto é tão grandioso, como foi pequeno o espaço de tempo, que tive para o tractar; e que de mais foi sempre interrompido por as occupações de uma vida publica.

Evora 16 de Dezembro de 1861.

O Thesoureiro Mór—*M. J. Barradas.*

2
J17

3
J17

Habebo claritatem ad turbas, et honorem apud seniores, juvenis.
Acutus inveniar in judicio, in conspectu potentium admirabilis ero,..... et habebo immortalitatem.

Far-me-hei illustre entre os povos, e far-me-hei respeitar dos sabios e dos velhos, ainda sendo joven. Admirarão os principes a extensão da minha sabedoria, e penetração do meu juiso,..... e gosarei da immortalidade.

Do Livro da Sabedoria

Cap. 8. *v.*—10—11 *e* 13.

Para onde se retirou o teu Rei muito amado, oh! consternada Nação Portugueza?!...

Que é feito d'aquelle Excelso Soberano, que tu tanto idolatravas?!... Aonde existe hoje essa Magestade sublime, que infundia respeito?!... Onde está actualmente essa bondade angelica, que inspirava amor?!... essa elevação de espirito, que, em edade ainda tenra, já causava assombro aos mesmos Principes da terra?!... Aonde, aonde está o teu consolador, o teu pae, o teu amigo, o teu bemfeitor?!...

3
J17

Mas só lagrimas e soluços me respondem?!!.....

É a dôr inconsolavel, que rasga e despedaça o coração de um povo inteiro!..... Triste mas forçoso desengano!... Fugitiva duração dos bens da terra!... Fatal destino da nossa humanidade!.. Anticipada perda da nossa ditosa pósse e das nossas esperanças!... Ai!... e já não existe mais do que na nossa lembrança o nosso Augusto Monarcha, o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**!...

O Esperançoso Monarcha dos Portuguezes já não existe!... Succumbio aos terriveis effeitos de uma breve mas pungente enfermidade!... De toda a grandesa augusta, que o rodeava, não resta mais que o triste desengano e dôr sensivel de o perdermos!... O esplendor e magnificencia, que o adornavam, já estão sepultados com elle em o tumulo, experimentando a sorte commum dos mortaes!...

Em vão nós pertenderiamos ellidir este fatal desengano. O lucto, de que se acham revestidas estas paredes; o plangente som do bronze lá das alterosas torres dos nossos Templos, este tumulo magnifico elevado até ás alturas; a pompa funeral; o lugube apparato; os tristes monumentos da nossa mortalidade; estas luzes, luzes, que mostram mais claramente o nosso nada; estes despojos da morte; tudo, tudo isto nos está disendo ao ouvido—«é morto o esperançoso Rei dos Portuguezes o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**!...»

A immortalidade do seu nome, a grandesa da sua alma, não, não podem livrar da sua destruição o barro fragil, que ella havia animado!...

Deixou de existir El-Rei de Portugal o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**!... Aquelle excelso Monarcha, que, ha justamente um anno, os Eborenses coroaram de flores, e que, no meio de tanto apparato e regozijo, penetrára este magestoso Templo, e fôra visto debaixo destas sagradas abobadas, cercado de tanta vida e de tantas esperanças, é hoje um cadaver!..,

A gerarchia, a purpura, o sceptro, o solio, nada o isen-

4
J17

tou da lei da morte. O palacio do Rei não teve maior privilegio, do que a cabana do pobre. Realeza, aristocracia, democracia, tudo é o mesmo ao pé do tumulo. A trombeta fatal obriga a todos; e a pallida morte com egual furor extende os seus inexoraveis direitos sobre o velho e sobre o môço; e sem escolha de victimas, fére com egual força a testa, que cinge o diadema, e a que se revolve na cinza e na poeira:—*Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, regumque turres*:—dizia tambem o Lyrico Romano.

Deixou de existir El-Rei de Portugal o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**!... E nós todos, Senhores, nós todos lamentâmos, como nos cumpre, e com toda a lealdade da nossa alma este funesto acontecimento.

E quem d'entre nós alegaria agora dissidencias de opinião para não vir ajuntar-se aos que prantêam esssa morte inesperada?!...

A mesma opposição a principios adversos não deve comprehender o odio individual, nem mesmo para com as pessoas, que os representam.

Sômos religiosos, Senhores, sômos monarchistas, sômos Portuguezes.—Na Religião aprendemos a associar-nos aos que choram;—na theoria monarchica a venerar todos os Principes;—no patriotismo a não exaggerar divergencias entre filhos da mesma terra.

Deixou de existir El-Rei de Portugal o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**!... Porem que digo eu, Senhores?!... Um bom Monarcha sempre sobrevive ás suas cinzas. Não desce á sepultura senão para reviver com mais gloria. É um astro luminoso, que não se ecclipsa na sua orbita, não toca o seu occaso senão para apparecer mais rutilante na sua seguinte aurora.

Augusto Neto de tão famosos Monarchas Portuguezes, vós já não existís sobre a terra, é verdade!... A morte vos roubou na primavera dos vossos dias!... A vossa vida sumiu-se como o relampago, que desapparece apenas brilha!...

4
J17

Já os umbraes da eternidade vos escondêram dos olhos dos Portuguezes!... mas estes conservarão a memoria de que fostes illustre entre os póvos, respeitado dos sabios e dos velhos, ainda sendo joven... Foi esta a vossa norma; foi este o vosso timbre; foi esta a vossa senda; por isso gosareis da immortalidade:—*Habebo claritatem ad turbas, et honorem apud seniores, juvenis. Acutus inveniar in judicio, in conspectu potentium admirabilis ero,..... et habebo immortalitatem.*

Arrebatou-o a desdita ao paiz, em que nascêra, e em que reinára:—*fortuna regno eripuit.*—Abre-lhe a piedade as portas de outro imperio, em que nunca a luz se apaga:—*Venite, benedicti, et possidete regnum.*

E como entre saudades rescendirá este lirio real, que uma estação ingrata debruçou da haste melindrosa sobre uma voragem inexperada!.....

É a memoria das virtudes uma como fragancia das almas. Assim o dissera e assim o escrevera um publico escriptor portuguez.—Póde estar longe a planta; o perfume, que deixa, lhe evocará o nome e lhe resurgirá a imagem. O mesmo sôpro, que a desbota, e a desmaia, transmitte ao longe esta emanação subtil, esta pura essencia, qne é a sua revelação e o seu mais singular attributo.

Não ha melhor conforto em taes lances do que esse religioso lenitivo, o unico efficaz, por que é o unico promettedor. Nisso está, e nisso se magnifica a excellencia da Lei de Christo, que nem na morte acaba a esperança!...

Soffremos a perda de uma preciosa vida na mais elevada região de um gremio politico!..... Soffremos a perda do nosso Augusto Monarcha o Senhor DOM PEDRO QUINTO cinco dias depois de termos soffrido tambem a do Infante seu Irmão!...

Adoremos, Senhores, adoremos os altos decretos da Providencia, e resignados beijemos a piedosa mão, que nos fere.

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo,

nosso digno Prelado!... É para mim grande honra o ser convidado para orar neste Templo, neste dia, e na presença de V. Ex.ª, deste Cabido, e de tão respeitavel auditorio.

Faz justamente agora oito annos, que n'outra Sé Cathedral (*) eu subíra ao logar sagrado para fazer o elogio funebre nas Exequias Reaes pela virtuosa Rainha a Senhora D. Maria II, Mãe do Excelso Monarcha, por quem hoje choramos.

Algum tempo depois o Supremo Arbitro do Universo chamou á sua presença essa angelica creatura, que destinada fôra para o regio consorcio do Rei esperançoso; e fui eu tambem orador nas solemnes exequias pela Senhora D. Estephania!...

Mas como poderia eu então conjecturar que em tão curto espaço de tempo me acharia aqui nesta Cathedral, e sobre esta cadeira da verdade para tecer o elogio funebre do nosso defuncto Soberano o Senhor DOM PEDRO QUINTO?!!...

Ah! Senhor,... no meio desta lugubre e pomposa solemnidade, neste Templo sagrado, onde se acha reunido um auditorio tão numeroso e tão respeitavel, eu antes quisera um logar obscuro entre os meus ouvintes.

Devo porem ser o interprete dos sentimentos de todos nesta occasião solemne. Embora pois minha fraquesa, farei o que puder. O cedro elevado, o platano magestoso nada perdem da sua elevação e grandesa, inda que plantados n'um baixo valle: do mesmo modo o Heróe do meu discurso, aquelle Monarcha Excelso nada perderá do seu valor, inda que louvado em baixo estylo e tosca linguagem.

O Senhor DOM PEDRO QUINTO tornára-se illustre entre os povos e respeitado dos sabios e dos velhos, ainda sendo joven,—porque fôra sempre amante da sabedoria, respeitador da Relegião e bemfeitor da humanidade.—Eis-aqui

---

(*) Em Elvas, onde o Orador era então Conego Vigario d'aquella Sancta Sé Cathedral, e Provisor d'aquelle Bispado; etc.

S
J17

como elle ainda sobrevive ás suas cinzas; eis-aqui como elle gosará da immortalidade.

Bem o conheceis, Senhores, bem o conheceis nestes simples e pouco estudados lances. Bastam elles na verdade, e o seu caracter é o seu elogio.

Só por vós, meu Deus, póde sêr o seu elogio instrucção nossa. Sagradas influencias do Supremo Espirito de verdade, regulae minhas idéas para animar a grande piedade deste corpo respeitavel, que me escuta, e espéro favoreça com attenção o discurso, que principio.

DISCURSO

SENHORES!

A incomparavel Providencia do Supremo Arbitro das nações fez que do augusto consorcio da virtuosa Rainha de Portugal a Senhora D. Maria II com o Senhor D. Fernando de Saxe-Caburgo-Gotta nascesse o magnanimo Principe o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**, verdadeiramente herdeiro das muitas virtudes de seus bons paes.

O rebombo do canhão, o festival tanger do bronze de todas as alterosas torres da nossa illustre capital annunciaram no dia 16 de septembro de 1837—que, no regio aposento dos nossos Monarchas, acabava de nascer esse Principe Excelso, esse Astro luminoso, que, no volver dos annos, havia de abrilhantar a Lusa Monarchia, sentando-se no regio throno de Affonso Henriques, seu venerando Avô.

Senhores! eu bem podia agora aqui mostrar todo o ex-

6
J17

plendor incomparavel do throno de Portugal, principiando na recta linha dos Capetos, dos Robertos, e ultimamente dos Henriques na epocha da feliz origem da Lusa Monarchia. Os Lizes de França, as glorias do Ourique reprodusiriam nas vossas vistas um jardim de bellesas...

Podia mostrar-vos as augustas allianças da Casa de Portugal com todas as primeiras da Europa para vêrdes toda a gloria da terra reunida nos Augustos Ascendentes do nobre Monarcha por quem chorâmos... Podia então depois disso mostrar toda a gloria deste;—podia... ah! deixemos estes pomposos nadas; gloria e magnificencia do seculo, que se dissipa como o fumo, e vae absorver-se nos espaços imaginarios da sua origem; isto não é comparavel com os bens eternos, que só firmam o verdadeiro heroismo.

O explendor apparente, de que o mundo costuma ornar os frivolos objectos das nossas adorações, não, não era capaz esta mundana grandesa para fundar a gloria de um Monarcha Christão, se ella não fosse regulada pelos principios da religião e da piedade. Todas, todas estas grandes cousas talvêz serviriam de escurecer sua memoria, se fossem edificadas sobre alicerces amassados ou no sangue dos povos, ou nas lagrimas dos fieis. Longe e bem longe do nobre defuncto tudo o que afeiar a gloria de um Monarcha Christão.

As acções pessoaes do Senhor **DOM PEDRO QUINTO** clarificam bem a memoria do seu merecimento.

Ah!... e que virtudes comeffeito adornaram sua alma grande!... Que religião!... que piedade!... que clemencia!... que bellos presagios nos déra logo sua educação, sua indole inspirada pelos exemplos de sua virtuosa Mãe, do seu bom Pae, e dos outros seus Augustos Ascendentes!... aquelles Ascendentes, ah!... deixa-me saudosa memoria, não me preocupes;... aquelles Ascendentes, sobre quem o Deus das misericordias velára com particular providencia para os encher de preciosos charismas de virtude, sabedoria e respeito.

J17

Homens verdadeiramente sabios, e profundamente religiosos foram escolhidos e chamados para mestres de um tão digno discipulo; e nelle encontraram sempre uma alma bem formada, e uma indole toda propensa para o bem.

No dia 15 de novembro de 1853 soffrêra o Excelso Principe o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** a profunda e intensa dor pela perda irreparavel da preciosa vida de sua Augusta Mãe a Senhora D. Maria II,—que depois de ter dado brilho ao magnifico sceptro de Affonso Henriques, como Soberana, deixára um padrão immortal na educação primorosa de seus Augustos Filhos, como Senhora.

Durante a menoridade do grande Principe Portuguez o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**, ficára presidindo aos destinos desta nação, na qualidade de Rei Regente, seu Augusto Pae o Senhor D. Fernando; e todos sabem perfeitamente a maneira honrosa de sua conducta no louvavel desempenho de missão tão ardua e tão espinhosa, que lhe fôra confiada.

Já o esperançoso Principe de Portugal o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** tinha adquirido uma somma não pequena de luminosos conhecimentos theoricos, principalmente na difficil arte de bem conhecer e de bem governar os povos. Para adquirir conhecimentos praticos resolveu ir viajar, e assim se condusiu, penetrado destas idéas, até ás terras longinquas lá em reinos estranhos.

Então os Principes estrangeiros tiveram occasião opportuna de admirar de mais perto a extenção da sabedoria, e a penetração do juiso do grande Principe Portuguez na aurora da juventude:—*Acutus inveniar in judicio, in conspectu potentium admirabilis ero.*

Voltou emfim para o seu reino, onde com alvoroço já então era esperado. Tinha-se aproximado o dia solemne, em que, cessando sua menoridade, o grande Principe Primogenito devia ser acclamado Rei. E esse dia, Senhores, era dia 16 de septembro de 1855,—dia anniversario do seu glorioso nascimento, dia, em que completava os 18 annos de sua edade.

Chega emfim esse dia; e o Principo affavel e bondoso, que já seu throno erigido tinha sobre os coraçõss de todos os Portuguezes, lá vê então cingida sua fronte magestosa com uma regia corôa de ouro. Lá empunha já o sceptro, e lá se acha já sentado sobre o glorioso throno de Affonso Henriques o nosso joven Monarcha o Senhor **DOM PEDRO QUINTO.**

Ah! Senhores, as hyperboles todas da oratoria são agora escassos recursos para dar uma idéa sequer aproximada daquella grande expansão de amor, de jubilo e de publico regozijo, com que os Portuguezes, congratulando-se, victoriavam então o seu Rei. É que todos já previam n'elle o seu consolador, o seu pae, o seu amigo e o seu bemfeitor. É que nelle depositavam já as mais bem fundadas esperanças de paz e de felicidade.

Mas a aureola da corôa de martyr em sua magestosa fronte não teria de esparzir raios menos brilhantes, do que aquella corôa de Rei, que lhe acabava de ser imposta!... E o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** parece que já então presagiava que o seu breve reinado teria de ser assignalado com um numero não pequeno de publicas calamidades!...

Sim, Senhores, aquelle Joven Rei o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**, melhor do que ninguem, já calculava que a sórte de um Monarcha nem sempre é a mais feliz. Quisera, até talvez, que nunca lhe tivera sido reservado pelos altos destinos o pesado *officio de reinar*, como elle mesmo lhe chamava.

Apenas elevado ao throno de Affonso Henriques, o nosso Augusto Monarcha o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**, deu logo sobejas provas das virtudes sublimes e heroicas, que sua Excelsa Mãe lhe inspirára; e a nação inteira lhe chamou por isso o esperançoso Rei dos Portuguezes.

Notavel foi sempre sua caridade e amor pelo seu povo. Vós bem sabeis, Senhores, o que se passára naquelles lastimosos dias, em que o céo, sempre tardo em punir, rompeu

8
J17

finalmente no castigo mais estrondoso, descarregando sobre Lisboa em 1856 o horrivel contagio do colera-morbus, e logo no anno seguinte aquelle estragador flagello denominado —febre amarella,—que ia trocando a mais florescente cidade em um lugubre sepulchro. Naquellas horas de angustia o povo se achou quasi só com o seu Rei!...

O Senhor DOM PEDRO QUINTO, na amargura do seu coração, com os olhos arrasados em lagrimas, lá desce então a esses logares sombrios e horrorosos, aonde se coalham todas as enfermidades, e accidentes tristes da vida humana, aos hospitaes!... Ali escuta os gemidos; supporta o pessimo halito, e pestilente cheiro, que languidos corpos exhalam. Vê a pobresa, e a dor, que á porfia extendem seu funesto imperio; e á vista da imagem da miseria e da morte, que lhe toca quasi todos os sentidos, extasiado, de si, de sua vida se esquece!... Esquece-se por ventura da ordem da caridade, que perturba e inverte... Esquece-se dos seus mais proximos... Esquece-se emfim do perigo, a que se expunha, porque o divino fogo da caridade no seu regio coração ardia; e a sua alma só pensava na salvação do seu povo afflicto.

Consola a uns, soccorre a outros, e anima a todos com um valor sancto e christão. (*)

O Céo parecêra emfim querer compensar tanta virtude e valor tão sancto, destinando para o Senhor DOM PEDRO QUINTO uma consorte, que lhe ajudasse a supportar as angustias provenientes dos espinhos da regia corôa, que cin-

---

(*) Para commemorar os serviços prestados por occasião da terrivel epedemia da febre amarella, a Excellentissima Camara Municipal de Lisboa tinha instituido uma medalha, e a offerecêra a Sua Magestade o Senhor DOM PEDRO QUINTO. A sociedade humanitaria do Porto, em commemoração dos mesmos serviços, procedêra do mesmo modo, instituindo outra medalha, e offerecendo-a tambem áquelle Excelso Soberano. E o Rei popular e magnanimo, o illustre philosopho, que presidia aos destinos desta nação, achava mais glorioso ornar o seu peito com aquellas duas medalhas, do que com muitas outras, que a sua ele-

8
J17

gira... E no melhor da vida e das esperanças, atravessava entre saudações a Europa, e aportava ao Tejo em triumpho, vinda do norte, essa virtuosa Princesa a Senhora D. Estephania, a quem pareciam longamente fadadas as maximas venturas humanas!...

Todos estarão lembrados d'aquelle dia radioso.

Parecêra mesmo que se haviam esmerado os homens e os elementos para dar e auspiciar as boas vindas á regia noiva!... Sorriam-lhe os céos e os destinos!... Como que aporfiavam em festejal-a os alvoroços populares e as pompas da naturesa.

A nação desaffogava o seu recento agradecimento, chamando sobre o Augusto Pár todas as bençãos de Deus, e todas as prosperidados da terra. (*)

Mas oh! infelicidade de um Monarcha!... Parecia que ainda fumeavam os cirios nupciaes mal apagados, e já se estavam accendendo as tochas funerarias!... O Céo chamou logo para si essa candida pomba da innocencia, esse Anjo da terra,—a Senhora D. Estephania. (*)

O nosso Augusto Monarcha o Senhor DOM PEDRO QUINTO profundamente ferido no amago da sua alma pela dôr a mais pungente, mas resignado em tudo com as dispo-

---

vada posição lhe fazia possuir; ou que Monarchas estrangeiros lhe offereciam, como signal de boa amisade e verdadeira estimá.

No seu enterro o coche, que levava o ataude real armado em camarim, e todo coberto de veludo preto, e com cortinas agaloadas de ouro, fazia-se assás notavel pelas duas referidas medalhas.

Do lado direito ia aquella que lhe fora conferida pela sociedade humanitaria do Porto; e levava do lado esquerdo a que lhe fôra offerecida pela Excellentissima Camara Municipal de Lisboa. Ambas porém estavam pregadas no panno funebre pendentes sobre o real ataude.

(*) O Regio matrimonio dos Augustos conjuges foi celebrado em 17 de Maio de 1858--na magestosa Egreja de S. Domingos, em Lisboa.

(*) A Senhora D. Estephania falleceu em Lisboa pela uma hora da manhã do dia 17 de Julho de 1859,--tendo acabado de completar a edade de 22 annos.

sições do Altissimo, continúa a manifestar por todos os modos o grande amor pelos seus vassallos.

Se viaja depois disso pelas provincias, no meio dessas festivaes ovações, e enthusiasticas affeições de amor, com que em toda a parte pelo seu povo era recebido e tratado, oh! eu vejo a regia benificencia extender-se a todos os estabelecimentos de caridade; vejo soccorrer os miseraveis, que ficam por isso bemdisendo o seu Rei, o seu Protector!... E as classes desvalidas, a quem tantas vezes Sua Magestade El-Rei o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** seccou as lagrimas e applacou a fome, sabem por isso melhor que ninguem, o justo fundamento, que tem hoje a tristesa geral, causada por tão deploravel perda.

Como verdadeiro Monarcha constitucional, o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** tornou-se um modêlo admiravel dos melhores reis da terra; por que melhor do que ninguem elle conhecêra as tendencias e disposições verdadeiras do nosso seculo actual.

Senhores!... são os seculos como os homens; cada um tem um espirito e caracter, que lhe é proprio. O amor da liberdade é o espirito do nosso seculo;—o da civilisação o seu caracter.

Já passou, para nunca avultar na grande cadêa do porvir, o tempo, em que a Europa foi o triste apanagio de governos gothicos e barbaros, fundados sobre a ignorancia e costumes dos selvagens... Já o povo não póde ser escravo, nem os nobres despotas e tyrannos. O despotismo dos reis debellou a anarchia feudal: a anarchia popular enfraqueceu o despotismo dos reis: o volver dos annos trouxe as luzes; e as luzes mostraram a vareda de aperfeiçoar as sociedades. Eis o grande fim, para onde tende a corrente do nosso seculo.

Collocados no logar o mais elevado da sociedade, os reis deveriam, melhor do que ninguem, observar a força e direcção dessa corrente; anticipal-a de alguma sorte. Pon-

9
317

do-se de permeio entre o despotismo e a anarchia, os reis poderiam realisar a grande obra da emancipação dos povos; pois ao imperio da força reunem elles o explendor da dignidade... Mas, está escripto, Senhores, está escripto em monumentos de eterna magoa, que nem todos os reis foram feitos para o seculo, em que nascêram, nem para a felicidade dos seus povos.

E como não será assim?!... Rodeado de grandesas. engolphado em regalos, um principe vê tanto mais difficilmente os direitos, com que a naturesa anivelou os homens, com tanto maior custo pondera os interesses do seu povo, as necessidades do seu seculo, quanto mais subido é o throno, em que a fortuna o constituiu.

Para a côrte corre o ouro desde o fundo das provincias, como por um plano inclinado. Ali é a miseria occultada pelo luxo; e a indigencia, para evitar os insultantes olhos do despreso, procura imitar a riquesa. Não se vê ali, como nos campos, ameaçar ruinas a choupana, onde a pobresa se alberga, e que para um principe seria uma licção mais instructiva, do que a pompa dos palacios. Não é no rebolico das cidades, mas no silencio dos campos, onde se ouvem os clamores das publicas necessidades. Luxo, orgulho adulação e fasto, eis as damnosas lições da côrte.....

Direi tudo de uma vêz:—não conhece uma nação quem só conhece a côrte: quem só vê cortesãos, não vê os homens.

Como pois conceber a idéa de liberdade, onde tudo só parece apresentar a imagem da escravidão?!... Como transpôr as barreiras, que sepáram o throno da choupana para suspeitar ao menos a egualdade dos homens?!... Como conjecturar que a segurança e a propriedade de cada um só á felicidade publica póde ser sacrificada quando tudo parece conspirar-se para risc[illegible]ssa idéa?!... Operar um tal prodigio em beneficio dos homens só a vós pertence oh! philosophia, oh! virtude!!!...

Parece na verdade, Senhores, que para os reis deveria

de ser um segredo o seu nascimento, em quanto não possuissem rasão e virtude vigorosas; rasão para conhecer o espirito do seu seculo, e virtude para respeitar os sagrados direitos do homem.—Mas é tambem indubitavel, que os habitos da educação real e os prestigios da côrte sempre desacertam no intento de agrilhoar o homem raro, para quem a Providencia decretou altos destinos, e o luzido galardão da immortalidade; e se quereis disto um nobre exemplo olhae para o grande Monarcha...

O Senhor DOM PEDRO QUINTO era Rei, e não podia ignorar a magestosa elevação, em que a sorte o collocára. Porque motivo pois appresenta dotes singulares, que tanto o exaltam entre os outros reis da terra?!... Operar um tal prodigio em beneficio dos homens só a vós pertence oh! philosophia, oh! virtude!!!...

É na realidade, Senhores o que se me está afigurando. Parece-me estar vendo, que a philosophia e a virtude, tomando pela mão este Monarcha, lhe mostram por entre as sombras do tempo a respeitavel imagem da posteridade, que sentada sobre o immenso tumulo, em que repousam as cinzas de todos os soberanos do mundo, e alçando a espantosa vóz, assim lhe brada—«Pertendes uma gloria não incerta e fugitiva, como os rapidos sonhos da vida mas duradora, como a eternidade?... Sê o amigo, o bemfeitor dos homens. Sou eu,... sou eu, que preparo para os bons reis corôas immarcesciveis, e faço murchar bem depressa as grinaldas, que a lisonja tece para os tyrannos. Anniquilando as prevenções que canonisam o falso merito, e afugentando as paixões, que ousam a deprimir a virtude, eu vejo com despreso esses mausoléos pomposos, elevados aos homens, que abusaram do seu poder, e honro a pedra bruta, que cobre as cinzas d'aquelle, em cujo coração palpitou sempre o amor da humanidade... Sê o amigo, o bemfeitor dos homens; e o teu nome será immortal como a tua alma; e o teu sepulchro, á semelhança de um prisma infallivel, deixará ver sem con-

*

10
J17

fusão esses raios de grandesa, que os dias da vida costumam misturar e confundir.»

Eis, Senhores, as importantes licções, as maximas sublimes, que os factos mostram constantemente gravados no coração do grande Rei, objecto dos nossos cultos.

Corre o tempo, foge a vida; mas nunca do seu espirito foge e se esvaece a imagem da posteridade, que sobre o vastissimo tumulo das gerações, que foram, incessante está escrevendo com mão segura, e tão forte, como os braços dos seculos o epitaphio, que justamente merece cada um dos reis da terra. Aqui vê elle insculpido o amor, e o respeito: ali póde lêr—execração, ignominia.—Indeleveis são os caracteres e tão profundos, que nem as robustas mãos do tempo jámais os poderão apagar.

Que outra cousa pois occorreria ao seu espirito, senão a dôce imagem da felicidade do seu povo?!... Que outros motivos tambem lh'a poderiam suggerir?!... Não o duvideis, Senhores;—é a philosophia, que lhe mostra, o que elle deve ao seu povo; é a virtude que o leva a sobrepujar os habitos da educação, se acaso elles se attrevessem a contrariar o espirito do seu seculo. É finalmente esse tribunal terrivel da posteridade, d'onde jamais retira os olhos, que nelle nutre os principios da philosophia e da virtude; e o impelle a fazer sobre os altares da patria o voto generoso da nossa felicidade.

Ninguem ousará a negar, que a felicidade é dependente da maior somma de bens; a maior somma de bens resultado do melhoramento do estado social; e esse melhoramento inseparavel da fruição da liberdade.

É a liberdade que fecunda o genio, raiz de innumeraveis gosos; a escravidão o esterilisa:—a liberdade acolhe, e abraça o espirito d'associação, origem de tantos bens; a escravidão o afugenta:—a liberdade produz a doçura dos costumes, fonte inexhausta de delicias; a escravidão os exaspera:—a liberdade promove a civilisação, aperfeiçôa a es-

pecie humana; a escravidão emfim retarda a sua felicidade.

A liberdade porém, Senhores, é como o fogo, elemento util e terrivel, que alumia, mas tambem abrasa; vivifica, mas tambem devora aquelles, que sabem, ou não, usar delle com prudencia. Fallemos sem figura, Senhores.—A liberdade, o elemento da publica felicidade, é elemento destruidor, quando separado da virtude.—Olhae para esses paizes, que a liberdade outr'ora habitou. A liberdade, qual inseparavel sombra, seguia os passos da virtude; e assim florescia a felicidade dos póvos: expirou ali a virtude; tambem a felicidade acabou: sumiu-se uma com a outra debaixo da mesma campa.

Como pois enlaçar em vinculos apertados virtude e liberdade?!... Ah! Senhores, é preciso que a virtude se assente sobre o throno, e então entre os povos apparecerá a liberdade, porque a liberdade é a sombra da virtude; e as virtudes nos subditos quasi sempre são reflexos daquellas, que resplandecem na summidade do throno.

Notae, Senhores, que eu não receio ser taxado de adulador, quando vos digo, que sobre o throno existia a virtude com o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**. A geração presente assim o reconhece, a posteridade lhe fará a mesma justiça...

Sim, Senhores, a verdade e a justiça, venerandas feições da posteridade, tambem caracterisam a geração presente nos encomios, que endereça ao nosso adorado defuncto Monarcha. Diz a geração presente que só tinha direitos ao coração do nosso amavel Soberano aquillo, que lhe offerecia a imagem da virtude: tambem a posteridade o dirá.

Tambem a posteridade repetirá entre extases de respeito estas palavras, que eu sinto exaradas no fundo de minha alma, e que vou pronunciar entre effusões de gratidão—Mil vezes os reis se colligaram para o crime e para a desgraça dos homens; mas um Monarcha houve,... abençoado Monarcha, que ensaiou uma liga nova, e nem sempre conhecida na terra, a liga da virtude e da liberdade sobre o mesmo throno para o bem de uma nação.

II
J17

Eu bem conheço Senhores, eu bem conheço, que muito se tem gritado, e grita ainda talvêz contra o dom da liberdade, por isso que pernicioso em suas consequencias, disem muitos.—Mas dir-vos-hoi Senhores, que se de tudo o homem abusa, e se o abuso fôr um motivo para tudo se regeitar, nada haverá tão sagrado, que não deva exterminar-se.

O que fenho dito prova bem, que o Seuhor **DOM PEDRO QUINTO** viveu para ser o modelo dos bons reis; por que elle fôra sempre amante da sabedoria, respeitador da religião, e bemfeitor da humanidade. Durante o seu reinado cessaram essas luctas fratricidas, que tanto dilacerado tinham esta pobre nação portugueza.

E se durante esse mesmo reinado apparecêram alguns desvarios governativos, não precediam elles por certo da vontade do nosso Excelso Monarcha o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**, mas sim d'aquelles, que á sombra do seu augusto nome os praticavam. Sabe Deus quanto era pungente a magoa, que disso rasultava para o Rei philosopho, cuja perda hoje lamentâmos... Sabe Deus, e nós tambem, quanta era a tristesa, que nos ultimos tempos em seu regio semblante se divisava!...

E porque, Senhores, porque não podia Sua Magestade o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** occultar inteiramente sua melancolia profunda por mais que elle a pretendesse encobrir e desfarçar?!... É porque elle conheciã bem os males da sua nação, e não podia remedial-os... É porque elle era verdadeiramente amigo do seu povo, e não o podia tornar feliz, como desejava. A despeito de tudo isso, o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**, durante o seu reinado, praticou sempre o bem, que poude em favor da sua patria; e só com muito pezar seu, via a nossa nacional decadencia, a que elle por suas proprias forças não podia obstar.

Era um Rei constitucional; e como todos vós sabeis, Senhores, nos governos representativos é maxima bem seguida,—o Rei reina, mas não governa.—

E porque esse Rei era um optimo magistrado, e um verdadeiro homem de bem; porque esse Réi partilhava os praseres e as dores do seu povo; porque esse Rei era o seu consolador, o seu pae, o seu amigo e o seu bemfeitor; por que esse Rei nunca se manchára com uma nodoa de sangue; porque esse Rei emfim era as dilicias de todos os seus vassalos, por isso todos ficaram profundamente consternados, quando se espalhára a afflictiva nova, que a electricidade, em poucos minutos, levou a todos os angulos do paiz—El-Rei está perigosamente enfermo!

Oh! o Monarcha Excelso era do seu povo idolatrado,... e aquella atterradora noticia parecêra logo um triste presagio do funesto accontecimento, que pouco tempo depois havia de ter logar!... Profunda e sincera consternação ella produsiu no coração de todos. E no meio de tão geral afflicção, e alta noite, o povo correu aos templos do Senhor a orar com todo o fervor pela desejada conservação do seu Anjo Tutelar!...

Porem, Senhores, as lagrimas ferventes de tantos milhões de vassallos, as preces religiosas pela conservação de tão preciosa vida, não tinham de ser desta vez attendidas pelo Omnipotente!!!... E forçoso será emudecer perante successos como este, porque a justiça divina é incontroversa!...

Grande Deus!... Os vossos decretos são sempre insondaveis!... Na flor dos annos vós tinheis chamado para a mansão dos justos o Joven Psincipe o Senhor D. Fernando, esse herdeiro das virtudes paternas, esse Seraphim, essa alma candida, esse ente predestinado para entoar hymnos ao Altissimo com a piedade innata de sua muito egregia estirpe; e era tambem vontade vossa, que o nosso Excelso Monarcha o Senhor **DOM PEDRO QUINTO**, o Rei popular, o illustre Philosopho, que presidia aos destinos desta nação, não vivesse por mais tempo entre nós...!!! Segundo os vossos eternos decretos, era preciso que o irmão seguisse o irmão, não

12
J17

á gloria do mundo. mas ao eterno praser do céo, como piamente crêmos!... Qual Anjo precursor, era mister que e Joven Principe o Senhor D. Fernando tivesse ido primeiro ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos!....

Senhores, Deus é justo,.., e os dogmas religiosos mandam-nos curvar submissos perante os seus insondaveis decretos.....

Os ultimos momentos de Sua Magestade o Senhor DOM PEDRO QUINTO reveláram como de uma vida pura se passa com resignação para uma morte prematura. Encarou o seu fim com a coragem religiosa, que tão solemnes momentos inspirar podem.

Depois de ter recebido com a mais alta devoção e piedade os Sacramentos da Egreja, os quaes elle mesmo fervorosamente pedíra; quando a morte já se avisinhava a extender sobre elle o seu irresistivel braço, sentindo approximar-se a sua ultima hora, quiz ainda despedir-se do seu bom Pae o Senhor D. Fernando. «Meu Pae,... meu querido Pae,... eu morro, dizia elle; eu morro; Deus assim o permitte. Minha Mãe e a minha Estephania querem-me para junto dellas. Ha muito que no meu coração eu presinto o seu chamamento. (*) A minha vida pois está por momentos;—mas resignado, e muito resignado estou com as disposições do Eterno, debaixo de cuja protecção vos deixo, e aos Infantes meus Irmãos.»

Ah! meu querido Pae, continua agonisante o Rei, ah! meu querido Pae!... Se eu for tão feliz, que alcance, como

---

(*) Parece que Sua Magestade o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** já havia muitos dias que presentia no seu coração a sua morte prematura, mas que elle encarava com a mais subida resignação christã. Assim se deprehende do que diz o *Commercio do Porto* na sua correspondencia de Lisboa, narrando fielmente o que alguns dias antes do seu lamentavel obito, se passára entre Sua Magestade e o Excellentissimo Senhor Marquez de Ficalho.

Transcrevendo o artigo do referido jornal do Porto, o *Transtagano* n.º 163—de quinta feira 21 de Novembro, refere tambem fielmente o mesmo, debaixo da epigraphe—*Resignação christã.*

espero, o reino da gloria, rogarei ao Senhor, implorarei a sua grande misericordia, em favor vosso, delles, e de todos os Portuguezes, que tanto tenho amado.....

A estas palavras elle desfallece, e cahe transtornado sobre o leito... Fica alguns instantes immovel e privado de sentimento. Semelhante a uma luz, que se aviva, e lança um clarão mais forte no momento, em que vâe a apagar-se, o Rei moribundo se anima; os seus olhos mais abertos lançam sobre os que o rodeiam, tristes e magoadas vistas... Sim, elle quiz continuar a fallar; emprehendeu fazel-o; e mais de uma vêz começou as primeiras palavras, porem os orgãos da vóz não produsiam mais do que uns surdos e roucos sons de um vaso quebrado. Estes mesmos sons expiravam dentro da sua bocca na falta de vóz... Todos os seus gestos, os seus olhos fallavam uma linguagem a mais expressiva. Nella se via verdadeiramente retratado o coração de um monarcha justo, e amante de seus vassallos.—Lança ainda uma vêz sobre aquelles, que o cercavam, os seus moribundos olhos; mas tão mortaes, como estavam, elle não os póde demorar por muito tempo abertos!... Viu-se lançar por elles sua alma com a ultima faisca de amor, brilharem por momentos, como um raio celeste, e ultimamente extinguirem-se e cerrarem-se!.....

Então a dor, accumulada no fundo dos corações, se manifesta por meio de agudos gritos... Todos choram amargamente,... no entanto que a alma do bom Rei tinha voado já para o céo a unir-se aos Bemaventurados perante o throno do Altissimo... (*)

Mas ah! Senhores!... aonde me tem condusido o fogo do meu enthusiasmo?!... Que fallo eu, e onde me acho?!... Fallo de um mortal, acho-me no Templo.

Um mortal é alvo de fragilidades e defeitos; o Templo

(*) Sua Magestade o Senhor **DOM PEDRO QUINTO** falleceu em Lisboa ás 7 horas e um quarto da manhã do dia 11 de novembro de 1861.

13
J17

é logar d'expiações e sacrificios. Bem insigne e bem gloriosa se nos figura a carreira de seus dias sobre a terra; mas quem sabe?!... quem sabe se elle pesado na balança do Eterno terá o mesmo valor, que os homens lhe dão?!...

Por isso, oh! meu Deus!... oh! meu Deus!... se lhe annunciamos a vida, não é com o orgulho do Farizeu, que ostentava justiça; é sim com a humildade do Publicano, que pedia misericordia: *non in justificationibus nostris, sed in miserationibus tuis.*

Vós pois, oh! grande Deus!... vós que sois justo e ao mesmo tempo misericordioso, por essencia; vós que decidís sobre a sorte de todos os mortaes, em cujas mãos está o direito, o dominio e a conservação dos reis e dos imperios, sêde propicio a estas preces, acceitae o incruento sacrificio, que sobre o altar sancto acabou de ser celebrado e offerecido pelas mãos de um Pontifice fiel... (*)

Ouvi as rogativas deste povo christão, que veio louvar vosso nome á face deste Sanctuario, encaminhando ao alto throno da vossa gloria suas deprecações humildes a favor do nosso finado Monarcha o Senhor **DOM PEDRO QUINTO.** Nós piamente crêmos, que elle estará gosando da vossa adoravel presença; porem Senhor, se ainda lhe faltava que expiar algum defeito d'aquelles, em que facilmente cahe a naturesa humana, contaminada pela culpa, permitti, que os nossos rogos unidos ao valor infinito daquelle incruento sacrificio, que se acabou de celebrar, sejam tão poderosos deante de vós, que elle entre por essas portas eternas cheio de gloria a cantar comvosco o seu triumpho.

Espalhae copiosas bençãos sobre o nosso novo Monarcha o Senhor **DOM LUIZ PRIMEIRO.** Dae-lhe um valor

---

(*) O Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Dom José Antonio da Matta e Silva, Arcebispo da mesma Sancta Egreja Metropolitana d'Evora, que celebrára Missa de pontifical; e depois de concluida a oração funebre, lançou a ultima absolvição em roda da Eça. As outras quatro absolvições tinham pertencido ás quatro Dignidades Capitulares.

sancto para poder presidir sempre dignamente aos altos destinos desta nação. Dilatae emfim a vida de toda a Familia Real, imprimindo-lhe sentimentos de humanidade e de virtude constante.

Lançae, Senhor, lançae do alto do céo os olhos de misericordia sobre esta inconsolavel Monarchia. E se no vosso seio descança já essa alma heroica e christã do Senhor DOM PEDRO QUINTO, seja elle tambem o nosso intercessor. Rogue elle pelas necessidades espirituaes e temporaes deste reino fidelissimo; e só assim se poderá evitar o medonho cataclysmo, que tão visivelmecte ameaça os destinos desta nação. Só assim veremos ainda o nosso querido Portugal restituido ao seu antigo explendor, á sua brilhante gloria.

Assim seja: e

Disse.

14
J17

NOTA FINAL

Já se achava no prélo esta oração funebre, e já se estava procedendo á extracção dos exemplares da mesma quando chegou a noticia official de ter fallecido no Real Paço de Belem, ás 8 horas da noite do dia 27 deste mez de dezembro outro Principe Real—o Serenissimo Senhor Infante Dom João!...

Isto é uma calamidade fatal, com que inesperadamente aprouve ao Altissimo attribular a Familia Real e o reino inteiro.

A todos incumbe o dever de nos submetermos aos insondaveis Decretos da Providencia Divina; embora por outra parte pareça invencivel o impulso, que nos leva e sentir e manifestar a profunda magua, que a todos tem inspirado esta lamentavel catástrophe.

15
J17

CATHALOGO

DE

ALGUMAS OBRAS DO AUTHOR JÁ IMPRESSAS

Sermão sobre o Santissimo Sacramento da Sagrada Eucharistia, prégado na Sancta Sé Cathedral d'Elvas.—1853.

Sermão do anniversario das Linhas d'Elvas, prégado na mesma Sancta Egreja Cathedral.—1857.

Sermão do Santissimo Coração de JESUS prégado na Egreja da veneral Ordem Terceira de S. Trancisco da Penitencia da cidade d'Elvas.—1858.

Infallibidade do Romano Pontifice nas suas decisões em materias dogmaticas.—1856

Memoria da solemnidade da primeira Communhão Sagrada na Parochia da Santa Sé Cathedral d'Elvas.—1858.

Oração funebre recitada nas Exequias Reaes de Sua Magestade Fidelissima o Senhor DOM PEDRO QUINTO, celebradas pontificalmente na Sancta Sé Archiepiscopal Metropolitana d'Evora.—1861.

Vende-se em Evora, na rua do Machede n.° 29—em casa do Compositor e Director da typographia do Governo Civil—Francisco da Cunha Bravo, ao qual o Author cedeu e entregou a propriedade dos exemplares desta edieção.

Tambem se acha á venda na Redacção do Scholastico Eborense,—na loja do Sr. Torres Novas, no Largo da Praça Grande;—na loja do Sr. Antonio Cabreira, no Largo da Porta Nova,—e na loja do Sr. Domingos Pires, no Largo da Porta de Moura, nesta mesma cidade d'Evora.

Preço.....120 réis.

BIBLIOTECA
8
MAI
41
Nº DE REG 2864

16
J17

BIBLIOTECA
8
MAI
41
Nº de Reg. 2864

J17